

**A MODERNIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO ROMANCE  
*ORLANDO*, DE VIRGINIA WOOLF**

**MODERNITY AND ITS IMPLICATIONS IN *ORLANDO*, BY VIRGINIA  
WOOLF**

Ráinne Fogaça da Silva<sup>1</sup>  
rainnefs\_1998@hotmail.com

**RESUMO**

Proponho, neste ensaio, investigar de que modo os aspectos modernos presentes em *Orlando*, da inglesa Virginia Woolf, interferem tanto numa noção de espaço dentro da narrativa, como também na própria construção subjetiva da personagem central. Para isso, sublinho algumas passagens do romance pertencentes ao século XIX e XX, uma vez que a narrativa transita por entre os séculos XVI ao XX. Trago, também, alguns apontamentos realizados por Theodor Adorno, filósofo da Escola de Frankfurt, acerca das reflexões de um esclarecimento dos sujeitos. Embora essas reflexões abranjam uma sociedade contemporânea com seus sujeitos reificados, sobretudo pelo caráter anestésico de uma racionalização que não se debruça sobre si mesma, ou seja, que não consegue desvincular-se de uma lógica capitalista de dominação e emancipar-se, e *Orlando*, de Woolf, esteja vinculado ao fim dos anos 1920, é possível observar traços que indicam que uma lógica instrumental ali se faz presente. Temos acesso à linguagem e aos pensamentos de Orlando que, ao longo dos séculos, alteram-se. Nos séculos os quais proponho lançar um olhar mais atento, a linguagem mostra-se mais acelerada, influenciando, desse modo, toda uma construção subjetiva e o modo de Orlando relacionar-se com o espaço ao seu em torno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade. Subjetividade. Orlando.

**ABSTRACT**

I propose, in this essay, to investigate how the modern aspects present in *Orlando*, by Virginia Woolf, interferes not only in a notion of space within the narrative, but also in the subjective construction of the central character. For that, I highlight some passages belonging to the 19th and 20th centuries, since the narrative transits between the 16th to the 20th centuries. I also bring some notes made by Theodor Adorno, about the reflections of a clarification of the subjects. Although these reflections cover a contemporary society with its reified subjects, above all because of the anesthetic nature of a rationalization that does not focus on itself, that is, that cannot separate itself from a logic capitalist of domination and emancipation, and *Orlando*, of Woolf, is linked to the end of the 1920s, it is possible to observe traces that indicates that an instrumental logic is present there. We have access to Orlando's language and thoughts, that have changed over the centuries. In the centuries that I propose to look, the language is more accelerated, thus influencing an entire subjective construction.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. Graduanda em Letras – Língua Inglesa pela mesma instituição.

**KEYWORDS:** Modernity. Subjectivity. Orlando.

## 1 INTRODUÇÃO

Publicado em 1928, o romance de Virginia Woolf apresenta aos leitores um biógrafo que tem a tarefa de narrar a vida de Orlando, um jovem burguês que se dedicava à arte. Uma de suas principais ocupações, inclusive, era a escrita de um poema, *Oak Tree*. O romance, que é dividido em seis capítulos, narra, inicialmente, os conflitos amorosos de Orlando, bem como sua relação com a arte, pontuada anteriormente. Essa narração ocorre nos séculos XVI e XVII; já no século XVIII, em uma passagem dotada de simbolismos, Orlando transforma-se em mulher. A sua transformação, contudo, não muda de maneira brusca a forma como os outros a veem, pelo contrário, a mudança que ocorre é a percepção de Orlando consigo mesma, a partir de questões externas, construídas pela sociedade à época. Os questionamentos ocorrem, por exemplo, em relação às suas roupas, à sua conduta e às imposições de uma sociedade patriarcal. Esses questionamentos, aliás, lançaram importantes reflexões aos estudos de gênero e à crítica feminista, principalmente pelos apontamentos realizados por Orlando, pois a personagem, ao transitar pelos sexos, aponta os seus olhares, ao longo de quase trezentos anos, aos homens e às mulheres em seus modos de ser, bem como os olhares da própria sociedade para com ambos.

Contudo, deixo essas reflexões para um momento posterior, pois o intuito de investigação deste ensaio se dá por caminhos diferentes. Proponho, então, investigar de que modo a modernidade em *Orlando*, nas passagens narradas no século XIX e, sobretudo, no século XX, interferem na personagem que dá título à obra, buscando compreender como esses traços modernos influenciam na construção subjetiva de Orlando e em sua relação com o espaço à sua volta. No início do século XX, por exemplo, ao defrontar-se com a luz elétrica que iluminava cada casa e que, por conseguinte, implicava em um céu mais claro, Orlando parece tomada de êxtase e agitação, ao passo que também aparenta não ter certezas sobre aquilo que observava ao redor. É possível pontuar, ainda, que, passando pela Era Elisabetana e chegando até ao mundo moderno, uma diferença de tom e de ritmo de leitura são perceptíveis. Nos séculos XIX e XX, nos é apresentada uma escrita que pede um maior tempo de leitura, uma vez que há diversas informações e estas são expostas de modo que seguem um fluxo de consciência (FILHO, 2017). Temos acesso, portanto, aos pensamentos de Orlando e ao o que dizem a respeito de um mundo moderno.

Vale destacar que não utilizo o conceito de modernidade de maneira muito estrita, compreendendo as complexidades em torno de categorizações como: moderno, contemporâneo, pós-moderno. Apenas para situar minimamente, utilizo o termo moderno como comum aos autores da escola de Frankfurt, isto é, vinculado aos avanços das sociedades modernas como o aprofundamento do sistema capitalista, a ascensão da burguesia, bem como todas as alterações na vida e no mundo advindas das revoluções industriais. Para tanto, divido o texto em dois momentos. Num primeiro momento, discuto a relação com o espaço na modernidade. A partir disso, analiso os reflexos da modernidade à construção da subjetividade da personagem.

## 2 AS ESPECIFICIDADES DO ESPAÇO MODERNO

A narrativa se inicia com Orlando no século XVI, ainda adolescente, e transcorre até exatos 11 de outubro de 1928, já com a personagem na idade adulta. Durante o percurso, os leitores ficam defronte de famosos períodos britânicos, como a Era Elisabetana e a Era Vitoriana, com todas as pompas que lhe cabem. Com o avançar dos séculos, percebemos as mudanças que ocorrem na metrópole inglesa, principalmente com os novos artifícios pensados no século XIX que, de certo modo, deram outra roupagem às cidades. Na narrativa, o início do século XIX é marcado da seguinte forma:

With the eighth stroke, some hurrying tatters of cloud sprawled over Piccadilly. They seemed to mass themselves and to advance with extraordinary rapidity towards the west end. As the ninth, tenth, and eleventh strokes struck, a huge blackness sprawled over the whole of London. With the twelfth stroke of midnight, the darkness was complete. A turbulent welter of cloud covered the city. All was darkness; all was doubt; all was confusion. The Eighteenth century was over; the Nineteenth century had begun<sup>2</sup>. (WOOLF, 2006, p. 125).

A passagem entre os séculos é dotada de certos simbolismos, contudo já indica que, com as nuvens escuras, uma imagem cinza se faz presente no que antes era claridade. Observo, desse modo, indícios de uma efervescência industrial que se acentuará ao longo dos anos, e que

---

<sup>2</sup> “Com a oitava badalada, alguns velozes farrapos de nuvem espalharam-se sobre Piccadilly. Pareciam amontoar-se e avançar com extraordinária velocidade para o extremo oeste. Com a nona, a décima e a décima primeira badaladas, uma enorme escuridão se espraiava por Londres inteira. Com a décima segunda badalada da meia-noite, a escuridão era completa. Um turbulento redemoinho de nuvem cobriu a cidade. Tudo era treva; tudo era dúvida; tudo era confusão. O século XVIII terminava; começava o século XIX” (WOOLF, 2018, p. 134). Todas as traduções são de Laura Alves, da editora Nova Fronteira.

moldurará tanto o espaço em si, com as lâmpadas elétricas e os carros movidos a combustão, como também alterará o vínculo dos sujeitos com esses espaços. Além disso, outros espaços podem ser pontuados, como a própria natureza. O narrador traz, com uma grandeza de detalhes, a relação estreita entre Orlando e a natureza:

Even she, at length, was forced to acknowledge that times were changed. One afternoon in the early part of the century she was driving through St James's Park in her old panelled coach when one of those sunbeams, which occasionally, though not often, managed to come to earth, struggled through, marbling the clouds with strange prismatic colours as it passed. Such a sight was sufficiently strange after the clear and uniform skies of the eighteenth century to cause her to pull the window down and look at it. The puce and flamingo clouds made her think with a pleasurable anguish, which proves that she was insensibly afflicted with the damp already, of dolphins dying in Ionian seas<sup>3</sup>. (WOOLF, 2006, p. 128).

No trecho, Orlando apresenta um sentimento de angústia pelo novo tempo que se apresentava e que já interferia em certos aspectos naturais. É perceptível o tom melancólico da personagem para com essas mudanças. Orlando aponta, em outro trecho, um ar saturado de água, e que mesmo os raios solares já não mostravam com a clareza e a nitidez de antes as construções da cidade, pois o novo século trouxe consigo nuvens carregadas. De fato, esses são efeitos naturais e que poderiam ocorrer em qualquer momento, mesmo nos séculos anteriores; no entanto, parece-me haver uma justificativa para o século iniciar de tal maneira, no meio de tanta escuridão, ao invés de uma noite estrelada, uma sem nuvens. Ora, a própria ideia de umidade já carrega consigo certa frieza, e isso pode se estender aos sujeitos: estes não mais se relacionariam com os espaços sem a perda de suas subjetividades e emoções.

A relação com um espaço de trabalho, por exemplo, que visa à produção em massa, faz com os sujeitos se mesquem com as máquinas. Ou seja, não mais se apresentariam ou haveria a necessidade de sujeitos com experiências, pelo contrário, sujeitos agora se apresentam coisificados, uma vez que na produção em massa, como nas fábricas de automóveis à época, cada pessoa era responsável por somente uma etapa do processo, sem uma visão e conhecimento do todo. Adorno, em *Educação e Emancipação*, lançou reflexões sobre esse

---

<sup>3</sup> “Mesmo ela, afinal, foi forçada a reconhecer que os tempos haviam mudado. Uma tarde, no início do século, conduzia sua velha carruagem almofadada pelo parque Saint James quando um dos raios de sol que às vezes, mas não frequentemente, se esforçava por atingir a terra, abriu caminho, marmoreando as nuvens, ao passar, com estranhas cores prismáticas. Tal visão era suficientemente estranha, depois dos céus claros e uniformes do século XVIII para fazê-la abrir a janela e olhar. As nuvens castanho-avermelhadas e rosadas fizeram-na pensar com uma angústia prazerosa – o que prova que ela já estava insensivelmente afetada pela umidade – em golfinhos morrendo no mar Jônico” (WOOLF, 2018, p. 137).

*modus operandi* moderno: “[e]sta (produção industrial) procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, e praticamente não necessita mais de experiência acumulada” (ADORNO, 2000, p. 33). Há, portanto, na passagem do século XVIII para o XIX, indícios de um momento turbulento, de novos espaços com os quais os sujeitos terão de se acostumar. As carroças não mais precisavam de cavalos, os sons dos motores dos carros tomavam o grande centro e as nuvens confundiam-se com a fumaça provinda das fábricas.

Essas novas relações com os espaços intensificam-se no século posterior narrado em *Orlando*. No século XX, uma aceleração parece tomar conta dos sujeitos, que estão em busca do novo, do desconhecido. O narrador tece seus escritos de modo que temos acesso às reflexões de Orlando acerca deste novo tempo:

The Old Kent Road was very crowded on Thursday, the eleventh of October 1928. People spilt off the pavement. There were women with shopping bags. Children ran out. There were sales at drapers’ shops. Streets widened and narrowed. Long vistas steadily shrunk together. Here was a market. Here a funeral. Here a procession with banners upon which was written ‘Ra — Uh’, but what else?<sup>4</sup> (WOOLF, 2006, p. 171).

A noção de espaço a que temos acesso mostra-se bastante particular à modernidade. No trecho, a própria linguagem – frases curtas, sem conexões – demonstra essa nova relação que é estabelecida (FILHO, 2017). Um espaço insuficiente e que aparenta não suprir as demandas que agora eram lançadas. Em outras passagens da narrativa, Orlando expõe sua percepção ao trânsito das pessoas por entre os carros. Deparamo-nos com sujeitos que se perdem por entre as máquinas e por entre os motores que pulsam na metrópole. O que pulsa nos sujeitos, agora, está em sintonia com o moderno. Isso nos encaminha para o segundo ponto ao qual pretendo debruçar-me neste ensaio: qual a interferência do moderno nas subjetividades dos sujeitos? Essas subjetividades, na narrativa, apresentam-se como sintomas de um determinado período? Quais particularidades as permeiam?

### **3 A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE EM MEIO AO SOM DOS MOTORES DOS CARROS E DA FUMAÇA DAS FÁBRICAS**

---

<sup>4</sup> “A Old Kent Road estava muito cheia de gente, na quinta-feira, 11 de outubro de 1928. O povo transbordava da calçada. Havia mulheres com sacolas de compras. Crianças corriam. Havia liquidações nas lojas de tecidos. As ruas alargavam e estreitavam. Longas perspectivas se encolhiam uniformemente. Aqui era um mercado. Aqui um funeral. Aqui uma procissão, com estandartes onde estava escrito “Ra – Uh”, e que mais?” (WOOLF, 2018, p. 182).

Entendo o espaço e a subjetividade como questões indissociáveis na narrativa, um influencia a construção e o lugar do outro. Se, ao dirigir um automóvel, Orlando perde-se em suas reflexões, e é impossibilitada de acessá-las com clareza, deve-se ao fato de não mais poder dedicar uma atenção a essa atividade, o que é sintomático do tempo/espaço moderno. Dessa forma, os objetos do mundo externo, objetivo, emaranham-se com a construção de uma identidade e subjetividade dos sujeitos. O narrador do romance pontua isso, em uma das experiências de Orlando na agitada Londres do século XX:

After twenty minutes the body and mind were like scraps of torn paper tumbling from a sack and, indeed, the process of motoring fast out of London so much resembles the chopping up small of identity which precedes unconsciousness and perhaps death itself that it is an open question in what sense Orlando can be said to have existed at the present moment. [...].<sup>5</sup> (WOOLF, 2006, p. 171).

Aqui, observamos a associação de dirigir na grande metrópole como a de cortar a identidade em pedaços. Orlando parece não tomar consciência de si e, também, do que pretende fazer ou do que ali faz. A experiência mostra-se mecânica, com a perda de uma subjetividade crítica e que possa, de fato, lançar olhares atentos sobre si e aos espaços à sua volta. Em trecho anterior do livro, Orlando aponta diversos locais no centro da capital inglesa, diversos olhares às pessoas, no entanto, tudo é muito rápido e acaba por se perder no grande fluxo moderno.

Destaco mais uma passagem da narrativa na qual Orlando expõe incertezas sobre si e sobre os outros. Os questionamentos da personagem também ocorrem dentro de um carro, enquanto dirige; o trecho, aliás, ocorre logo depois das exposições da citação anterior. Agora, o acesso aos pensamentos de Orlando ocorre de modo mais direto, pois é ela quem os enuncia, apesar da tessitura de alguns comentários por parte do biógrafo:

What then? Who then?’ she said. ‘Thirty-six; in a motor-car; a woman. Yes, but a million other things as well. A snob am I? The garter in the hall? The leopards? My ancestors? Proud of them? Yes! Greedy, luxurious, vicious? Am I? (here a new self came in). Don’t care a damn if I am. Truthful? I think so. Generous? Oh, but that don’t count (here a new self came in). Lying in bed of a morning listening to the pigeons on

---

<sup>5</sup> “Depois de vinte minutos o corpo e a mente eram como pedaços de papel rasgado caindo de um saco, e, na verdade, o processo de dirigir depressa por Londres afora se assemelha tanto ao ato de cortar a identidade em pequenos pedaços — o que precede a inconsciência e talvez a própria morte — que não se sabe como afirmar que Orlando tenha existido no momento presente” (WOOLF, 2018, p. 182).

fine linen; silver dishes; wine; maids; footmen. Spoilt? Perhaps. Too many things for nothing<sup>6</sup> (WOOLF, 2006, p. 173).

Os leitores se defrontam, então, com uma mulher que atropela seus pensamentos, sem a possibilidade de eles realmente serem apreendidos por ela, pensamentos que não podem ser capturados e desaparecem rapidamente, dando espaço a outro. Esse trecho, que possui mais de uma página de puro fluxo de consciência, ocorre no trânsito, um lugar caótico, com ruídos e preocupações. Orlando confunde-se com a própria máquina. Quando ela dirige, ela encontra outros "eus", todos permeados por um tempo / espaço acelerado. Orlando transita por entre uma multiplicidade de *personas*, permanece por um tempo em um “eu” e logo parte para outra constituição. A sensação do leitor, ao ler o trecho, é a de uma rapidez que se faz presente nos pensamentos expostos pela personagem.

No século em questão, portanto, a temporalidade é outra. É o tempo da aceleração, o tempo das máquinas. Se, nos séculos anteriores, é possível perceber certa linearidade na narrativa, com passagens bem detalhadas, nos capítulos referentes ao século XIX e, principalmente, no século XX, a linguagem apresentada segue um fluxo constante — destaque, aqui, o fluxo de consciência, questão muito utilizada e trabalhada nos escritos de Virginia Woolf — que demonstra como a sociedade se construía na época.

Aliás, esse fluxo de consciência, tão presente nas passagens da narrativa pertencentes aos séculos XIX e XX, parece ser próprio da modernidade. A impossibilidade de uma narração coesa, que se construa a partir de raízes inteligíveis, é um dos pontos cruciais desse tempo que se quer utilitário e pragmático. As atividades, a rotina e a vida, agora fragmentadas, passam velozmente, não mais a carroças, e sim a veículos motorizados.

A tentativa de construir-se conflita com a dispersão trazida ao transitar pela cidade. A dificuldade de apreensão do mundo exterior, cujo ritmo se acelerou, reflete na dificuldade de elaboração de si, conseqüentemente de si nesse mundo. Se há a perda de uma subjetividade substantiva, bem como uma transformação radical e veloz do mundo exterior, a narrativa parece render-se ao fluxo, o que resta é a efemeridade do pensamento, com seus excessos e suas faltas.

---

<sup>6</sup> “— O quê, então? Quem, então? — disse ela. — Trinta e dois anos; num carro; uma mulher. Sim, mas um milhão de outras coisas mais. Serei uma esnobe? A jarreteira no vestíbulo? Os leopardos? Meus antepassados? Orgulhosa deles? Sim! Gananciosa, voluptuosa, depravada? Serei? (aqui entrou um novo eu). Não me importo nem um pouco se for. Sincera? Acho que sim. Generosa? Oh, mas isso não conta (aqui um novo eu entrou). Ficar na cama a manhã inteira em lençóis de linho ouvindo os pombos; baixela de prata; vinho; empregadas; lacaios. Mimada? Talvez. Coisas demais para nada” (WOOLF, 2018, p. 184).

A impossibilidade de narrar lança os leitores à (in)consciência da personagem; na ausência de substância concreta, a abstração, que é o pensamento, se torna matéria principal para construção (continuação) da história.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Orlando*, Woolf constrói uma narrativa densa, com períodos de difícil apreensão; alguns pontos que estruturam o romance, como os simbolismos da passagem de um gênero para outro e os fluxos de consciência, projetam o leitor a um campo de difícil acesso, muito em virtude da linguagem que ali está posta, pois o biógrafo, em diversos momentos, estabelece um contato direto com o leitor por meio de comentários. Isto é, o biógrafo tece comentários aos leitores das situações vivenciadas por Orlando, e esses comentários, que, a princípio, parecem apenas ironias, sem acréscimo na história, acabam se apresentando como objetos centrais da narrativa, pois é somente o biógrafo quem conhece Orlando em todas as suas dimensões, por mais confusas que elas sejam. Em meio à narração do biógrafo, há falas de Orlando e, em algumas dessas falas, há também comentários do biógrafo. Todos esses pormenores, então, constroem o romance.

Nos séculos os quais um olhar atento foi dado, é possível apontar que as particularidades modernas estabelecem outro modo de se relacionar com os espaços. Com a chegada da eletricidade, por exemplo, Orlando reflete sobre a perda de privacidade dos sujeitos, pois com as luzes, são expostas as sombras das pessoas por entre as cortinas de seus lares, indicando seus movimentos e aquilo que realizam. Além do exposto de Orlando, outra reflexão pode ser pontuada, a partir das mudanças ocasionadas pela eletricidade. A noite, que antes era escura e voltada ao descanso em sua maior parte, não mais se apresenta de tal forma. Com as luzes, o tempo de trabalho aumenta, não mais é preciso de descanso. Isso reflete em uma nova forma dos sujeitos se relacionarem com o próprio tempo, este que se reduz no que diz respeito ao ócio, e que se prolonga e se moldura ao caráter das indústrias.

Orlando, ao confrontar-se com um espaço emoldurado pelo moderno, parece não conseguir estabelecer uma relação consistente consigo mesma. Suas reflexões e pensamentos são abstratos, e acabam por fragmentar a personagem. A subjetividade de Orlando, portanto, parece ser permeada pelos aspectos da lógica moderna, que é voltada a um utilitarismo. A personagem não consegue ter acesso a uma linguagem que permita que seus pensamentos

estabeleçam uma conexão entre si; pelo contrário, as reflexões de Orlando mostram-se soltas, sem um fio narrativo que possa conduzi-las. Os leitores deparam-se com uma (in)consciência de Orlando. Não mais é possível estabelecer uma narrativa em meio às dispersões do moderno. Orlando, no agitado centro inglês do século XX, busca por si, por ser eu, mas, como pontuado pelo biógrafo, talvez haja mais de 2.000 desses “eus”. A personagem, portanto, tem sua subjetividade permeada pelo novo espaço moderno, que se quer acelerado, sem mais a necessidade de atenção dada ao seu redor e sem uma criticidade perante aos acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FILHO, Lindberg S. Campos. **Estética modernista e patriarcado capitalista: um estudo sobre Orlando de Virginia Woolf**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WOOLF, Virginia. **Orlando, a biography**. London: Penguin, 2006.

\_\_\_\_\_. *Orlando*. Tradução de Laura Alves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.